



EMPLOYMENT KAISER CHIEFS

Especial
Planeta Terra
2008
-
MOJO
Specials

recontado por **Diego Oliveira Carrasco**

MOJO
BOOKS

Alguns discos não necessitam de palavra alguma para defini-los. Imagine então alguém se atrever a não só defini-los, mas também criar um enredo sobre a magia que os discos possuem. Essa é a proposta da **MOJO Books**, que acredita que bons discos, boa música, podem render mais do que aqueles doces acordes que penetram na mente; podem se transformar num trabalho literário que brinque com todos os segredos escondidos nas escalas e nas letras.

Mojo working. Escritores oriundos dos mais diferentes lugares, com influências e estilos únicos, aceitaram esta árdua tarefa: escolher um disco e vertê-lo para a mais pura literatura contemporânea.

Danilo Corci
organizador

Kaiser Chiefs
EMPLOYMENT
recontado por
DIEGO OLIVEIRA CARRASCO

SPECIALS 12

MOJO
SPECIALS

kaiser chiefs

EMPLOYMENT

recontado por

DIEGO OLIVEIRA CARRASCO

EDIÇÃO: **DANILO CORCI E RICARDO GIASSETTI**

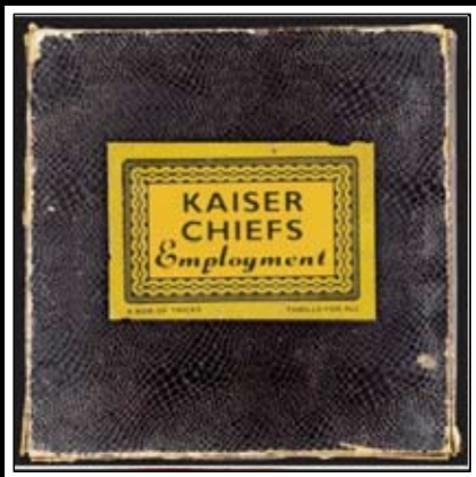
DIREÇÃO DE ARTE E PROJETO GRÁFICO: **DELFIN**

REVISÃO: **DANILO CORCI**

CAPA: **MOJO FACTORY**

PRIMEIRA EDIÇÃO

SÃO PAULO, NOVEMBRO DE 2008



PLAYLIST ORIGINAL DO ÁLBUM

1. Everyday i love you less and less
2. I predict a riot
3. Modern way
4. Na na na na naa
5. You can have it all
6. Oh my God
7. Born to be a dancer
8. Saturday night
9. What did i ever give you
10. Time honoured tradition
11. Caroline, yes
12. Team mate

KAISER CHIEFS EMPLOYMENT

LANÇAMENTO: **2005**
SELO: **UMVD LABELS**



DIAS NADA COMUNS

- Mark?
 - Sim? Diga.
 - Assim não dá, cara. Assim não dá.
 - Porra, tenho me esforçado pra caralho.
 - Não, não tem nada e já estou de saco cheio. Quero você fora.
 - Vai se foder, filho da puta.
 - Fora! Fora! Já! Some daqui, seu inútil de merda.
- Assim Mark perdeu seu quinto emprego. Isso em apenas seis meses.

- Mark?
 - Sim, mãe.
 - Em casa já? Não vai me dizer que perdeu o emprego de novo?
 - Não quero falar sobre isso.
 - Mas que bosta, Mark. Caralho, você é um merdinha mesmo, hein?
- Caralho, não consegue sentar a bunda num trabalho e ficar um tempo?
Dinheiro não dá em árvore.
- Em árvore não, mas naquelas picas todas que você chupa...

– O que você falou seu merda? O que você falou?
– Nada não, nada não.
– Seu maldito ingrato. Você sabe que eu sou a única que se esforça nesta bosta de casa para sustentar essa sua bunda e a do seu irmão.
– Tá bom, tá bom.
– Tá bom o caralho! Eu exijo respeito nesta casa. Exijo. Se você não está contente, some. Some! Aliás, não seria má idéia.
– Tá bom, tá bom.
Mark correu para o quarto, onde acendeu um cigarro, pensando de onde viria o dinheiro para comprar um novo maço, afinal o seu já estava acabando.

– Mark?
– Sim, diga.
– Cara, você é quase um gênio.
– “Quase”?
– Porra, essa sua idéia pro show é boa demais. Acho que ainda vai rolar uma graninha pra nós.
– Tem de rolar, senão fodeu. Eu preciso comprar cigarros.
– Vai estar cheio de capiais lá, vai ser baba. Pegar uns *rockers* vai ser uma delícia.

– E ainda vai ter umas garotas lindas por lá.

Assim Mark acaba de traçar uma tênue linha que ficaria marcada na História. Tolos os que acreditam que a História é feita de grandes atos.

– Mark?

– Sim, diga.

– Você tem certeza de que está tudo certo?

– Claro, quantas vezes eu falhei com você?

- Er... Algumas?

– Ah... Você tem cigarros aí contigo?

– Você sabe que eu não fumo.

– Droga, eu preciso de um cigarro.

– Compre.

– Tô sem grana.

– Deus. Quanto?

– Cinqüeta mangos.

– Cinqüenta mangos? Caralho, um cigarro não custa tudo isso.

– É que eu preciso de vários.

– Toma aqui cinco.

– Obrigado.

Assim Mark sacramentara o negócio.

– Mark?

– Sim?

– Eu sei que o show é amanhã, mas que tal darmos uma volta para atazanar algumas rockers? Eu adoro elas, com aquelas saínhas de dona-de-casa norte-americana. Aposto que chupam de enlouquecer.

– Cara, finalmente você fala algo de útil. Ia dar a mesma idéia.

Mark e Eddie estavam impecáveis: os ternos de três botões, as camisas Fred Perry, as botas Clark Desert, as calças Levi's e o penteado escovinha. Quando Eddie bateu à porta de Mark também já estava preparado com as anfetaminas no bolso. Para o que iriam aprontar durante a noite, seria mais do que necessário – ainda mais quando a misturassem com as cervejas sempre no ponto do Goldhawk. Os dois chegaram ao pub e tentaram se misturar naquela fauna de *mods* pra lá de calibrados já. Havia um clima de expectativa no ar, talvez em parte pela trilha sonora da Motown que esgoelava nas caixas de som não tão boas assim do pub.

– Vamos beber!

– Claro, Eddie. É para isso que estamos aqui, pô.

– Ei Vic, Vic! Aqui, aqui! Dois pints de Guinness, rápido.

Mark dá um tapinha nas costas de Eddie e acena com a cabeça. Ele queria dizer que daria um pulo na jukebox para escolher um som. Eddie pisca em consentimento.

Mark se aproxima da máquina de música. Do lado, um homem parece penetrado observando o cardápio musical.

– Achei que você não iria aparecer.

– Acordo é acordo, cara.

– Vai saber, vocês moleques são muito maricas ultimamente. Vestem-se com esses terminhos e ficam ouvindo música de preto.

– Vai se foder, cara. Tá tudo certo.

– É bom que esteja mesmo, você sabe muito bem disso.

– Estamos fazendo um esquentão aqui. Já, já vamos lá pro show. E amanhã tem mais.

– Bom, não preciso dizer como agir, preciso?

– Não, cara, relaxa. Tá tudo certo.

– Ótimo.

Mark escolhe uma música qualquer e retorna. Eddie já estava com os dois pints a espera. Ele se senta no balcão, ao lado do amigo.

– Eddie, tomamos essa e vamos, beleza?

– Claro Mark! Claro Mark! Claro Mark! – esse era o mal em Eddie. Quando tomava anfetaminas, seus olhos e o seu jeito de falar o denunciavam a

quilômetros.

- Ah, que bosta.
- O quê? O quê?
- Nada Eddie, nada não.

Mark e Eddie caminham pela noturna e já não tão fria Londres. Eddie ria como um louco pelo caminho, deixando Mark um tanto quanto irritado. Ele já estava de saco cheio de ter de ir até o Busy Bee, o templo daqueles *greasers* malditos. Não que ele tivesse algum problema com os *rockers*, particularmente ele era cínico demais, cansado demais para se importar. O que enchia um pouco seu saco eram aquelas músicas anos 50 que eles ouviam, toda a pose de motoqueiros – e ele preferia Lambrettas –, diabos, eles eram uns Teddy Boys “americanalhados”. E ele realmente gostava de soul music, ainda que nos últimos tempos tenha se interessado cada vez mais pela nova vertente que estava surgindo, os *hard mods*. Ele adorava aquelas calças Sta-Prest e o som de Desmond Dekker. Só ainda não sabia se iria raspar o cabelo...

Eles já podiam ouvir que estavam perto do Busy Bee. O barulho das motos e as pequenas gritarias davam a pista que a coisa ali estava agitada. Isso era bom, apesar deles saberem que teriam alguns problemas. Mas logo quando viraram na rua do Busy Bee, a visão compensou. Três garotas

rockers, com aquelas adoráveis sainhas anos 50, cabelinhos ajeitados, cara de safadas dispararam olhares fulminantes para Eddie e Mark. Eddie se agitou imediatamente – ele era um perigo.

– Caralho, cara.

– É, eu sei.

Como reflexo involuntário, os dois começaram a caminhar um pouco mais lentamente, todo o cuidado era pouco, não estava na hora de arrumar confusão – ainda. Chegaram à entrada do Busy Bee, compraram os ingressos para o show do Gene Vincent, o que não era de todo ruim.

– Mark? Mark?

– O que é cara?

– De onde você arrumou grana para os ingressos?

– Isso não importa, importa? Estamos aqui.

– É... Acho que é.

– Cale a boca e vamos lá.

Os dois entraram e foram pegar mais cerveja. Também fizeram um rápido *pit-stop* no banheiro tanto para mijarem como para recarregarem as baterias com mais anfetaminas. Eles tinham seis pílulas ainda e resolveram mandar três cada um de uma só vez, mais emoção era necessária. “Baby blue”, “Be bop a lula”, “Say Mamma”, as canções de Vincent iam passando como pequenos traços psicodélicos na mentes do dois, que eram constantemente azucrinados por *rockers* que tiravam sarros do visual *mod* da dupla.

Eddie estava cada vez mais nervoso, Mark tinha de segurá-lo, as coisas não poderiam sair de controle ainda, não ainda, ele tinha tudo planejado.

O tempo foi passando, os dois cada vez mais alucinados. Mark decidiu que havia chegado a hora. A multidão no Busy Bee estava em delírio e ele viu uma garota indo para o banheiro. Deu um tapa em Eddie e os dois foram atrás da garota. E quando se vai fazer coisas erradas, é necessário um pouco de sorte: Mark e Eddie estavam com a sorte do seu lado.

Invadiram o banheiro feminino, a garota se assustou. “Fique tranqüila”, foi o que disse Mark. “E bem quietinha”, acrescentou Eddie. A menina ameaçou gritar, mas Eddie foi bem mais rápido e desferiu um murro em sua boca. A garota ficou em estado de choque enquanto sua boca vertia sangue em profusão. “Fique tranqüila, só queremos brincar um pouco”, disse Mark. Eddie, então, chutou as pernas da garota, que caiu estatelada no chão, batendo a cabeça com violência. Obviamente, mais sangue começou a escorrer. Eddie ria como um louco, Mark apenas observava, ele sabia que era amigo de um animal. Eddie pulou sobre a garota, levantando a saia dela desesperadamente ao mesmo tempo em que tentava abrir o zíper de sua Levi’s. A cena era patética, Mark balançava a cabeça negativamente enquanto se postava encostado na porta para evitar que alguém entrasse. Ele pôde ver o pau pequeno de seu amigo, mesmo duro, tentando penetrar na menina que grunhia. A dificuldade deixava Eddie cada vez mais nervoso e ele começava a perder cada vez mais o controle. Para cada tentativa

frustrada, ele esmurrava o rosto da menina, que nesta altura já estava desmaiada. Tentou mais uma vez, nada, seqüência de três murros. Outra vez e mais três murros. Mais uma outra tentativa, agora cinco murros. Eddie desistiu, levantou-se pateticamente segurando seu pau enquanto batia uma punheta. Olhou para Mark com aquela cara de “quer tentar?”, e ele balançou negativamente a cabeça. Isso deixou Eddie ainda mais furioso, e ele começou a chutar loucamente a garota.

- Pare com isso, cara, já deu.
- Essa vaca filha da puta, essa vaca.
- Deixa disso. Vamos antes que alguém apareça.

Eddie então respira fundo, guarda seu pau e começa a caminhar em direção a Mark. Mas sua fúria retorna. Ele pega o canivete que tinha escondido na bota, volta até a garota, corta seu rosto e fura sua barriga umas cinco vezes. Eram furos profundos, aquilo estava ficando cada vez pior. Não contente, espeta o canivete na garganta. Um jorro de sangue molha a cara de Eddie, que ri alucinadamente.

Agora Mark sabe que tem um problema bem grande a sua frente. Eles não poderiam voltar para a pista, assim que descobrissem essa merda, tava na cara que eles seriam os primeiros a serem caçados. Tinha de escapar e tinha de ser pela janela. Pegou a caneta que levou e escreveu num pedaço de papel: “Amanhã, 16h. Brighton”. Deixou em cima da pia e foi até a janela do banheiro. Abriu calmamente, trepou e pulou. Encostou a cabeça

na janela e falou:

– Venha Eddie. Venha.

Eddie o seguiu. Quando pulava, um bando de garotas apareceu no banheiro. O grito das meninas estalou a adrenalina nos dois.

– Eddie, agora corre filho da puta. Corre.

– Mark?

– Sim?

O telefone estava cheio de estática.

– Quanta merda ontem, meu chapa.

– Merda nada. O que precisava ser feito, foi feito. Não era o que você queria?

– Eu não queria uma garota morta.

– Ela morreu?

– Depois de enfiar um canivete na garganta de alguém, você queria o quê?

– Não era pra ela ter morrido.

– Mas morreu.

– Caralho.

– É, uma grande merda. Isso não estava no nosso acordo.

– Tem como eu me redimir?

– Agora é tarde. Só mantenha o resto do acordo, depois a gente vê isso.
Se der tudo certo, talvez as coisas dêem certo para você também.

– Eles morderam a isca?

– Acho que sim. Eles não são tão espertos assim.

– Então vai dar tudo certo, é hoje às 16h, daqui a pouco. Preciso agilizar com o pessoal.

– Cuide de sua parte...

– Que você faz a sua.

– Exato, meu garoto.

– Não sou seu garoto.

– Isso veremos.

O telefonema foi interrompido.

– Mark?

– Sim?

– O que tá pegando hoje?

Esse foi Eddie. Ele perguntava o porquê daquela reunião às 14h, sendo que eles iriam num show mais tarde. Ele e mais os cinquenta que estavam ali.

– Seguinte. Alguns de vocês devem saber que eu e o Eddie fomos ao Busy Bee ontem e que as coisas saíram um pouco de controle. Uma menina

lá foi atacada por alguém e eles juraram que a culpa era nossa.

– Porra, que merda, cara – disse Charlie.

– Se fosse só isso, tudo bem. Mas fiquei sabendo que eles vão promover uma caça covarde aos *mods*, um por um, vão nos pegar e nos massacrar.

– Ah, aqueles *greasers* com gomalina. Impossível. – riu Charlie.

– Talvez. Mas se nos pegarem separados, podemos ter problemas.

– Tá bom, o que você sugere? – pergunta Eddie.

– Vamos pegá-los primeiro.

– Como? Onde?

– Sei que eles têm uma festa em Brighton hoje e vão estar perto da praia por volta das 16h. Minha sugestão é irmos pra lá e resolvermos a parada logo, assim eles deixam de frescura.

– Sensacional – disse Eddie.

– Também gosto da idéia. Faz tempo que quero dar uma surra nesses caras – disse Charlie.

– E depois a gente já emenda pro show – concluiu Eddie.

– Perfeito – quase todos falaram ao mesmo tempo.

– Só mais uma coisa – começou Mark. – Chamem mais gente. Não sei em quantos eles vão estar. E arrumem armas.

BRIGHTON, 16H

Talvez nem o Velho Oeste tivesse visto um duelo tão organizado. Claro, nem poderia, o Velho Oeste era nos Estados Unidos e aqui é a Inglaterra, onde a pontualidade é uma norma inquebrantável, mesmo para os arrua-ceiros. Se houvesse rolos de fenos passando por aquela praia melancólica teria sido a cereja do bolo. De um lado, os *rockers*, cerca de cem deles. De outro, os *mods*, cerca de oitenta. A briga seria boa. Havia um clima de respeito tenso, ninguém querendo dar o primeiro passo, troca de insultos dos dois lados, mas nenhum movimento. Até que Eddie, sempre ele, pegou a garrafa de cerveja que havia acabado de tomar e arremessou. Ela subiu, subiu e desceu como um pequeno míssil atingindo a cabeça de Erik, o mais jovem *rock*er – tinha apenas doze anos. Agora não seria mais cem, mas 99 *rockers*. A briga tinha começado.

Como duas tropas de exércitos visigodos, os dois grupos correram na direção do outro, debaixo de chuvas dos pedregulhos da praia e de garrafadas. Se quando chegaram eles imaginavam que aquilo seria apenas mais uma briga, agora estava claro que, na verdade, era uma batalha vital. O encontro foi como um improvável choque de duas ondas gigantescas.

Logo de cara, um *rock*er ficou cego quando levou um golpe de chave em seu olho, caiu em gritos. Um *mod* perdeu seis dentes quando foi acertado com um soco inglês. Outro perderia a vida um pouco mais pra frente porque na correria caiu no chão e foi o alvo perfeito para um *rock*er, que resolveu

transformar sua cabeça em patê. Mas nesse começo, a briga estava limpa.

Eddie estava no quebra pau. O mesmo canivete que havia perfurado a garota na noite anterior estava sendo usado loucamente, distribuindo cortes e furos em todos os que passavam por seu caminho. Era a senha para a coisa ficar mais feia ainda.

Pedaços de paus e mais facas apareceram misteriosamente. Um *rocker* teve sua barriga aberta como peixe e cambaleou em direção ao mar segurando seus intestinos – pensava ele que a água salgada poderia ajudar na cicatrização, mas na verdade só iria lhe trazer mais dor. O chão da praia ganhava pitadas de vermelho.

A briga já se desenrolava há vinte minutos e menos da metade dos dois grupos ainda continuava firme. Parecia que cada um que tombava dava mais força para os demais continuarem. Eram terninhos e jaquetas de couro rasgadas por todos os lados.

E eis que Eddie agora estava de cara com Ricky Wilson, o suposto líder dos *rockers*. Ricky era legendário, todos o temiam. Ganhara o respeito na base da força, apesar de não primar pela inteligência. Eddie, claro, o invejava. Mas isso não importava nesse exato momento porque aqui era uma questão de briga – e Ricky brigava muito bem. Como poucos de sua época, Ricky era ligado em artes marciais por isso tinha mais facilidade em vencer. Ele viu Eddie, abriu um sorriso – haviam sido vizinhos e amigos quando crianças. Deu um passo para trás e preparou um golpe. Girou, esticou a perna que foi

como uma bomba em direção ao rosto de Eddie. Mas Eddie estava com sorte. Simmon Rix, seu parceiro em muitas festas mods estava por perto, atrás de Ricky, e desabou um pedaço de pau na cabeça do rocker. Ele caiu feito um saco de batatas, estrebuchando como um porco em agonia. Ricky nunca mais se recuperaria, passaria o resto da vida tentando voltar a falar.

– Cara, essa foi por pouco, valeu – disse Eddie.

– *Semper-fi*, cara.

Eddie respirou e preparou-se para continuar na briga. Olhou a lâmina de seu canivete, sorriu balançando a cabeça e parou. Não acreditava no que via. Uma garota vinha em sua direção. Uma garota *rocker!* Aquilo seria engraçado. Esperou.

– Menina, acho que aqui não é o seu...

Eddie não pode terminar a frase. A garota, Jodie, puxou a arma que trouxe e disparou um, dois, três, quatro, cinco tiros na cabeça de Eddie.

– Isso é pela Caroline, minha irmã, seu filho da puta.

Os efeitos dos tiros parecem ter sido um catalisador de paralisação em todos. A briga estancara por alguns segundos. Arma de fogo não estava em pauta, não era “ético”. Aquilo estava fora de controle, mesmo. As brigas, a partir daquele momento, nunca mais seriam as mesmas. Mas ninguém teve tempo para filosofar sobre isso. A polícia inglesa apareceu como um enxame de abelhas, rendendo todos. Agora eles teriam outro tipo de problemas...

- Mark?
- Sim?
- Excelente trabalho.
- Eu te disse para confiar em mim.
- Só não achei que você iria fugir do pau.
- Isso não estava no acordo.

Mark levava o grupo até Brighton e organizara o bloco pré-ataque, mas na hora que a correria começou, saiu de fininho para a colina perto da praia para ver tudo de uma distância segura. Não era porque tinha medo de brigar, mas, para ele, aquilo era apenas um negócio.

– Você está feliz, então?

– Muito. Vários desses inúteis aí agora nunca mais encherão meu saco.

– Cara, você é inspetor-chefe da Scotland Yard, pra que precisa disso?

– Particularmente, não preciso. Mas penso de um jeito diferente dos outros oficiais. Arruaceiros, inúteis, bandidos, toda essa gama de vagabundos não merecem ser presos, eles têm de se acabar sozinhos. E no que eu puder, vou sempre arrumar um jeito para que isso aconteça, como hoje.

– É, deu pra perceber. A polícia demorou para chegar.

– Demorou?

– Muito.

– Calúnia. Nós nunca demoramos – sorriu cinicamente Andrew White.

– Você não vale nada.

– O que não presta é a essa juventude imbecil de gangues idiotas. Dessas todas, a que você tem se envolvido mais, os tais *hard mods*, parece a mais sensata. Eles são ingleses, defendem a Inglaterra, são nacionalistas como poucos, até mesmo no poder, querem ordem e correção. Isso sim faz bastante sentido. Isso é correto, como o que aconteceu aqui hoje é correto.

– É, você é louco.

– Não, não sou. A sociedade vai me agradecer, você sabe disso. “White, mais uma vez, salva a Inglaterra de hordas juvenis.”

– Tenho o meu emprego?

– Você quer ser mesmo infiltrado?

– Acho que já provei que consigo.

– É, provou.

– Fiz o que você pediu, segui as regras direitinho. Todos dizem que não presto pra trabalho, mas pra isso eu presto.

– Sim, Mark. Você foi muito bem, meu garoto.

– Ah, eu não sou seu garoto.

– Se quiser o emprego, vai ter de ser, entendeu?

– Ai.

– Então, o que me diz? Vai querer?

– Tenho outra opção?

– Não, não tem. É isso ou ser condenado como cúmplice no assassinato

da pobre Caroline.

- Diabos.
- Então?
- Sou seu garoto.
- Bem-vindo à corporação, Mark.



mojo
SPECIALS

www.mojobooks.com.br